

**O que se lê nos jornais, o que se vê nas imagens:
escravos de ganho na Belém do século XIX**

Bárbara da Fonseca Palha¹

Resumo

A presença de escravos de ganho nas cidades brasileiras foi um fenômeno marcante na escravidão ao longo do século XIX. Para sustento dos seus senhores, circulavam pelas ruas trabalhando, geralmente, como vendedores, carregadores e entregadores; dos “jornais” que recebiam entregavam uma parte para seus senhores, da outra retiravam seu sustento, podendo com alguma sorte morar fora do convívio senhorial e até conquistar alforria. No Grão-Pará a sua presença não foi indiferente. Através de iconografias e anúncios de jornais, que circulavam por Belém, pode-se analisar o grande emprego que se fazia desses trabalhadores, em especial das escravas, envoltas em atividades domésticas, como lavadeiras e cozinheiras, e como “vendedeiras”, temperando literal e metaforicamente o cenário urbano da capital da Província paraense.

Palavras-chaves: Belém, escravos de ganho, vendedeiras.

“What it is read in periodicals, what is seen in the images: slaves gain in the Belém of century XIX”.

Abstract

Important phenomenon in slavery along of century XIX was large presence slaves gain in the brazilian cities. To support of owner, working in the streets, generally, like as sellers and porters. Received “jornais” for the work, one part gave to yours owners, stayed with other part to support own; with some lucky they lived out owner intimate and managed to win the freedom. Your presence at Grão-Pará don’t was indifferent. Through iconographies and newspaper notices, by circulating Belém, can be analyzed the large employment these workers, especially of women slavers, like as washwomen, cook and sellers, that flavored literal and metaphorically the urban scene from Province paraense capital.

Keys-words: Belém, slaves gain, sellers.

Na década de 1970, o historiador Vicente Salles realizou um estudo², que pode ser considerado pioneiro sobre a escravidão negra no Pará. Um dos objetivos de sua pesquisa era o de justamente desmistificar as ideias da não presença do negro na sociedade paraense, como elemento formador desta mesma sociedade, assim como pensar a sua presença como uma participação menor, se comparada a das regiões nordeste e sudeste do Brasil. No bojo de uma historiografia que se propunha revisionista³, Salles foi um vanguardista no estudo do negro, africano, escravizado, miscigenado, crioulo no Pará e na Amazônia, como um todo. No decorrer de seu estudo deparamo-nos com a marcante presença dos negros no seio da sociedade paraense, como trabalhadores que estavam envolvidos em diversas atividades

¹ Graduada em História pela Universidade Federal do Pará. Atualmente é mestranda pela mesma Instituição.

² SALLES, Vicente. *O Negro no Pará. Sob o regime da escravidão*. Belém, PA: IAP, 2005.

³ SCHWARTZ, Stuart. “A historiografia recente da escravidão brasileira”. In: _____. *Escravos, roceiros e rebeldes*. São Paulo: EDUSC, 2001.

produtivas e podiam ser encontrados em diversos lugares. Existiu a escravidão nos engenhos de cana-de-açúcar, nas fazendas de gado, nas plantações de cacau e na cidade de Belém, capital da Província paraense. E nesse espaço urbano de tudo um pouco faziam.

A presença dos trabalhadores escravos na capital da Província foi marcante, principalmente na primeira metade do século XIX. Segundo dados de 1823, a população cativa chegava a representar 45,2% dos 12.471 habitantes de Belém⁴. Anos mais tarde, em 1848, de uma população de 16.092 habitantes, os escravos representavam 31,6%, ou seja, 5.085 cativos⁵. Em meio a esse considerável contingente, destacava-se uma personagem diferencial, que por isso mesmo garantiu a escravidão urbana algo de peculiar: os escravos de ganho. Mas quem eram esses trabalhadores?

Os escravos de ganho eram trabalhadores característicos das cidades e realizavam nesses espaços diversas atividades. A peculiaridade que lhes é conferida é garantida justamente pela forma com se relacionavam socialmente, seja com seus proprietários ou com outros sujeitos sociais e pelo modo de vida que levavam.

Viver longe do convívio senhorial era uma, senão sua principal característica. Arranjavam-se geralmente em algum cortiço ou lugarejo nos subúrbios da cidade. Trabalhavam em atividades como carregadores, entregadores e vendedores e parte da renda, isto é, dos “jornais” recebidos pelo serviço era entregue ao senhor, diária ou semanalmente, segundo critérios estabelecidos entre as partes envolvidas, e a outra parte ficavam para si, garantindo assim sua subsistência, o chamado “viver sobre si”, e futuramente, com sorte, uma carta de alforria. E quando trabalhavam circulavam de maneira relativamente livre, comunicando-se com muitos outros grupos sociais e imprimindo suas características ao cenário urbano.

Segundo os dados percentuais apresentados pelos presidentes de Província, através de relatórios, ao longo do século XIX, a população escrava em Belém era maior nas primeiras décadas do século. A entrada de imigrantes, principalmente nordestinos, pode ser apontada como fator de diminuição percentual dessa população na cidade na segunda metade do século, entretanto as atividades produtivas nesse espaço continuavam sendo praticadas pelos trabalhadores escravos urbanos, nas mais diferentes ocupações. O censo de 1872 aponta que de uma população escrava de 5.087 cativos, 1.130 praticavam serviços domésticos; 767 eram criados e jornaleiros; 62 eram marítimos; 37 pescadores; outros 873 estavam envolvidos em

⁴ BEZERRA NETO, José Maia. *Escravidão negra no Grão-Pará (sécs. XVII-XIX)*. Belém: Paka-Tatu., 2001, p. 65.

⁵ Op. cit, BEZERRA NETO, 2001.

diversas atividades manuais ou mecânicas; e 1.184 não tinham uma ocupação definida⁶. Os escravos jornaleiros que o censo menciona eram justamente os escravos de ganho.

Dentre esse grupo de trabalhadores urbanos, a mulher escrava tem participação importante e definida, pratica atividades características e próprias de sua condição feminina, geralmente como doméstica, ama-de-leite, cozinheira, lavadeira e vendedora de rua, a chamada “vendedeira”, e é esta categoria, principalmente, que pode ser identificada como uma escrava de ganho.

As vendedeiras de rua eram figuras marcantes na cena urbana de diversas cidades brasileiras. Desde o início do século XIX, artistas estrangeiros ou não, registraram em suas telas essas trabalhadoras cidadinas, que saíam as ruas a vender suas iguarias culinárias: “As negras eram vendedoras de angu, sonhos, refrescos, pães-de-ló, quitandeiras, lavadeiras e prostitutas. (MOURA, 2004: 151)”. Em Belém não foi diferente. A presença dessas trabalhadoras na cidade, também marcou muito desse espaço e fascinou alguns artistas, que reproduziram algumas dessas personagens.

No ano de 1804, um governador de Província mandou retratar por um pintor vindo de Lisboa, chamado Antonio Leonardo, imagens de três mulheres paraenses, pois “Acha verdadeiramente singular o teor do trajar das mamelucas e mulheres pardas e digno de ser visto na Corte (BAENA, 1838: 408)”. As obras em si não são conhecidas, a não ser pela descrição que faz delas Antonio Baena, pois em sua própria fala diz que as mesmas tinham como destinatário a Corte portuguesa.

A descrição é rica em detalhes, que dão conta do traje, dos adornos que estas mulheres usavam, muitos de ouro, do penteado, e o que nos remete a condição social dessas mulheres é justamente o fato de estarem descalças, levantando a hipótese das mesmas serem escravas: “Neste guapo alinhado, e descalças realçam estas mulheres seus atrativos naturais, e conquistam vontades, entranhando na alma meiga ilusão que o repouso lhe quebra (BAENA, 1838: 410)”. O viajante naturalista Alfred Wallace conheceu a cena urbana paraense e também testemunhou a presença da população escrava na cidade. A vestimenta desses habitantes foi o que lhe chamou a atenção, principalmente pelo cuidado com o trajar, principalmente por parte das mulheres escravas:

As mulheres e moças, nos dias de mais pompa, costumam trajar vestidos brancos, o que produz um agradável efeito, pelo contraste de suas peles pardas ou de um negro lustoso.

Nestas ocasiões é que um estrangeiro fica deveras espantado ao observar que as jóias e colares, usados por estas mulheres, muitas das quais são simples escravas, são de puro ouro maciço (WALLACE, 1939: 9-10).

⁶ Idem, p. 67.

As duas descrições feitas das mulheres escravas paraenses, acima mencionadas, fazem referência ao uso, por parte das mesmas, de jóias de ouro, maciço segundo Wallace. E como pensar num trabalhador, considerado juridicamente como propriedade e/ou mercadoria, passível de transações comerciais como venda e aluguel, inserido num sistema social legitimamente aceito como o era a escravidão, ter acesso a dinheiro e possuir jóia de puro ouro maciço? Era essa a condição dos escravos de ganho, por isso a historiografia sobre a escravidão os caracteriza como peculiares e que tornam o ambiente urbano diferencial também.

A historiografia da escravidão através de sua vertente revisionista⁷ passou a estudar o processo do escravismo e suas implicações a partir da perspectiva própria do cativo, ou seja, através de determinadas posturas que estabelecia e atitudes que tomava. Deixava de ser sujeito ora passivo, ora rebelde e passava a ser identificado como um sujeito negociador de sua condição social e de vida. Através dessa perspectiva, pode-se estudar os escravos de ganho, especialmente as vendeiras, como sujeitos históricos construtores de lógicas e racionalidades próprias⁸, que envolvem o modo de vida dessas trabalhadoras, assim como as relações sociais que estabeleciam.

Perceber não somente a presença desses trabalhadores em Belém, mas também sua participação enquanto sujeitos sociais ativos, não pelo trabalho que realizavam, mas pelo trabalho que davam as autoridades, fica a cargo das fontes ditas “oficiais”, isto é, produzidas por membros do governo e que davam conta dos limites e imposições que esses trabalhadores deveriam sofrer. Notórios nesse sentido são os Códigos de Posturas Municipais.

Procurando cercear a “liberdade” dos escravos de ganho de alguma maneira, tais Códigos são exemplares quanto ao tipo de tratamento que a sociedade escravocrata dispensava as suas propriedades. Para prejudicar-lhes na sua circulação, o artigo 97, do Código de Posturas de 1848, é exemplar: “É proibido que os escravos estejam vendendo nas ruas, praças e mais lugares públicos depois do toque de recolher. Os infratores serão presos e entregues a autoridade competente, para os mandar punir corporalmente”⁹. Ou no seu costume adquirido de viver longe do convívio senhorial, segundo o artigo 105, do referido Código: “Ninguém poderá alugar casas para nelas morarem escravos, sem que obtenham

⁷ Op. cit., SCHWARTZ, 2001.

⁸ CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁹ Coleção de Leis da Província do Grão-Pará, Tomo X, 1848 (1ª parte). Arquivo Público do Estado do Pará (APEP).

licença por escrito de seus senhores, sob pena de incorrer o infrator na multa de dez mil réis, ou quatro dias de prisão”¹⁰.

Os jornais, especificamente, os anúncios de escravos, sejam eles de fuga, venda ou aluguel, também são fontes documentais importantes nesse processo de análise do papel do escravo de ganho em Belém no século XIX. Permite-nos pensar na presença marcante das escravas nas ruas da cidade e como elas se relacionavam cotidianamente com diversos segmentos sociais; na quantidade de mulheres trabalhadoras que eram empregadas em atividades urbanas, especialmente no trabalho ambulante e no que reside essa particularidade: “Vende-se uma preta crioula, robusta e saudável; sabe cozinhar, lavar e fazer algum doce, quem a quiser comprar dirija-se a Loja de Souza e Coimbra que ali acharão com quem tratar”¹¹.

O estudo sobre as vendedeiras visa, portanto, possibilitar a construção de hipóteses que dêem conta da grande presença de mulheres negras nas atividades urbanas, principalmente na mercancia e o porquê dessa característica. Trabalhando com questões em torno dessas mulheres e seus diversos papéis na sociedade paraense, através de problemáticas que possibilitem analisar quem eram essas mulheres, como e onde viviam; se possuíam família, caso possuíssem eram elas as provedoras do lar; se almejavam a liberdade e qual o significado da mesma para essas mulheres; ou pensar ainda se para as mesmas a liberdade já estava presente no modo de viver; e o que era o viver sobre si, como analisá-lo. Enfim, múltiplas problemáticas que dêem conta da análise dos papéis e da importância de diversas mulheres, negras, mulatas e mestiças, trabalhadoras escravas da cidade de Belém do século XIX, que imprimiram características próprias na paisagem urbana e que permearam imaginários no decorrer dos séculos XIX e XX, legando à historiografia o repensar do lugar e da condição do negro escravizado.

Bibliografia

ALGRANTI, Leila Mezan. *O feitor ausente. Estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro (1808-18201)*. Petrópolis: Vozes, 1988.

ALMEIDA, Conceição Maria Rocha de. “Imagens negras, espelhos brancos. Um estudo das mulheres negras no final do século XIX em Belém do Pará”. In: *A mulher existe? Uma contribuição do estudo da mulher e gênero na Amazônia*. ÁLVARES, Maria Luzia Miranda & D’INCAO, Maria Ângela (orgs.). Belém: GEPEN, 1995.

BAENA, Antonio Ladislau. *Compendio das eras da Província do Pará*. Pará: Typografia de Santos & Santos, 1838.

¹⁰ Op. cit.

¹¹ Jornal Treze de Maio. Edição de sábado, 16 de maio de 1840. Anúncio intitulado “Avizos”.

- BEZERRA NETO, José Maia. *Escravidão negra no Grão-Pará (sécs. XVII-XIX)*. Belém: Paka-Tatu, 2001.
- BEZERRA NETO, José Maia. “A vida não é só trabalho: fugas escravas na época do abolicionismo na Província do Grão-Pará (1860-1888)”. In: *Cadernos do CFCH (UFPA)*, vol. 12, n. ½, 1993, pp. 141-154.
- BEZERRA NETO, José Maia. “Quando histórias de liberdade são histórias de escravidão: fugas escravas na Província do Grão-Pará (1860-1888)”. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 36, 1999.
- BEZERRA NETO, José Maia. “Histórias urbanas de liberdade: escravos em fuga na cidade de Belém (1860-1888)”. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 28, 2002.
- BEZERRA NETO, José Maia. “Ousados e insubordinados: protestos e fugas de escravos na Província (1840-1860)”. In: *Revista Topoi*, vol. 02, Rio de Janeiro, 2001.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular. História e imagem*. São Paulo: EDUSC, 2003.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia à República. Momentos Decisivos*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Recife: Imprensa Universitária, 1963.
- LIMA, Helder Lameira de. “Malditos de raça, malditos de cor: a imprensa abolicionista belenense e seus atropelos raciais”. In: *Faces da história da Amazônia*. NEVES, Fernando Arthur & LIMA, Maria Roseane (orgs.). Belém: Paka-Tatu, 2006.
- LIMA, Helder Lameira de. *O poder da pena e do discurso: os jornalistas e os legisladores paraenses no movimento abolicionista em Belém (1870-1888)*. Monografia de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Pará, 1999.
- LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In *Fontes Históricas*. PINSKI, Carla Bassanezi (org.). São Paulo: Contexto, 2005.
- MOURA, Clóvis. *Dicionário da escravidão negra do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2005.
- PAIVA, Eduardo França. *História e imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PALHA, Bárbara da Fonseca. *Fuga: capítulo da resistência escrava na Província do Grão-Pará*. Monografia de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Pará, 2007.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1988.
- QUEIROZ, Suely Robles Reis de. “Escravidão negra em debate”. In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. FREITAS, Marcos Cezar de (org.). São Paulo: Editora Contexto, 1998.
- REIS, João José & SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito. A resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SALLES, Vicente. *O negro no Pará. Sob o regime da escravidão*. Belém: IAP, 2005.
- SALLES, Vicente. *O negro na formação da sociedade paraense*. Belém: Paka-Tatu, 2004.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz & GARCIA, Lúcia. *Registros Escravos: repertório das fontes oitocentistas pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARTZ, Stuart. *Escravos, roceiros e rebeldes*. São Paulo: EDUSC, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Brasiliana, 1939.